



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

## **PROJETO DE ESTUDOS PRÁTICOS EM HISTÓRIA: “CONHECENDO O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES”**

**Francielle Moreira Cassol, UPF**

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo dissertar sobre e a partir do projeto: Estudos práticos em história- conhecendo o sítio arqueológico de São Miguel das Missões. O presente estudo está sendo desenvolvido junto a turmas do segundo ano do Ensino Médio, a partir da Escola de Ensino Médio Protásio Alves, na cidade de Passo Fundo- Rio Grande do Sul. O projeto ora apresentada visa relacionar o conhecimento escolar sobre a Companhia de Jesus, as missões jesuíticas, a Guerra Guaranítica e o patrimônio histórico-cultural do Estado com atividades teórico e práticas de ensino, pesquisa e aprendizagem. Nesse contexto, tem-se trabalhado com um grupo de alunos a partir da pesquisa bibliográfica sobre o tema Missões para que em um segundo momento da pesquisa os mesmos façam a visita in loco do sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo. A partir da pesquisa realizada junto aos educandos pode-se valorizar a história local, bem como preservar e difundir o patrimônio histórico do Rio Grande do Sul, época colonial.

Palavras-chave: ensino de história, patrimônio, São Miguel Arcanjo, missões e jesuítas.

### INTRODUÇÃO

No início do século XVII, a Companhia de Jesus fundou inúmeras povoações em território hoje pertencente ao Brasil, Argentina e Paraguai. Visavam ocupar terras destinadas à Espanha pelo Tratado de Tordesilhas, bem como difundir a fé cristã, imbuída o espírito da Contra-Reforma.

A Redução de São Miguel Arcanjo foi fundada em 1632, pelo Padre Cristóvão de Mendonça, na região do Tape. Devido aos ataques dos bandeirantes paulistas, em busca de escravos, a população mudou-se, em 1638, para a margem ocidental do Rio Uruguai. Em 1687, os padres jesuítas fundaram novamente São Miguel Arcanjo, desta



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

vez no local do atual sítio. A redução prosperou na primeira metade do século XVIII, quando a população atingiu , aproximadamente, 7.000 habitantes na época da construção da igreja (1735/1745).

Após o ano de 1750, com a assinatura do “Tratado de Madri”, que troca a Colônia do Sacramento (possessão portuguesa em meio ao território espanhol) pelos 7 povos das Missões, inicia-se a fase de decadência das Missões, marcado por diversas revoltas e guerras. Revoltados, os Guaranis enfrentam as tropas portuguesas e espanholas na chamada “Guerra Guaranítica” e foram derrotados em 1756. Expulsos por este Tratado, os Guaranis retornam às reduções 11 anos depois, quando se assina o “Tratado de El Pardo”(de anulação do tratado anterior). Com a expulsão dos Jesuítas do território espanhol, se acentua o declínio das reduções, e passam a administração colonial espanhola (1768) e a partir de 1801 pela administração portuguesa. Finalmente a Guerra Cisplatina, em 1828, destruiu o que ainda restava desta civilização, quando Frutuoso Rivera incorpora a seu exército todos os homens das Missões.

Este período determinou um declínio de São Miguel, que foi mais acentuado pelo abandono de muitos anos, mas a riqueza deste passado foi reconhecida e se iniciaram os trabalhos de consolidação a partir de 1937 pelo SPHAN, em dezembro de 1983 foi declarada pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade” atraindo até hoje uma corrente turística de distintos pontos do mundo.

A vila de São Miguel das Missões surgiu no ano de 1926, momento em que foi efetuado um loteamento urbano, em torno dos remanescentes do antigo povo jesuítico-guarani. Desde 1978 existia a luta pela emancipação político administrativa deste Município, o qual ocorreu o desmembramento de Santo Ângelo na data de 20 de dezembro de 1987, por meio de plebiscito. A emancipação foi promulgada pela Lei número, 8.584 de 29 de abril de 1988 criando assim, o Município de São Miguel das Missões. Essa região, no período das reduções era conhecida por São Miguel Arcanjo, quando foi distrito de Santo Ângelo já era chamado por São Miguel das Missões, mesmo nome do padroeiro, continuando com este nome após a emancipação.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

O sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo compreende a Igreja de São Miguel Arcanjo, de estilo Barroco que começou a ser construída em 1735 e levou 10 anos para ser concluída. Os blocos de arenito utilizados foram trazidos de uma distância de cerca de 20Km. A igreja era composta por três naves separadas por duas grandes arcadas e cinco altares com imagens de santos, a cobertura era de telhas de barro sustentadas por vigas de madeira e, na frente, um pórtico com arcadas e colunas que exibiam estátuas dos doze Apóstolos. A torre com 25 metros de altura ostentava um galo de estanho dourado e cinco sinos. A autoria do projeto da Igreja deve-se ao arquiteto italiano Gian Batista Primolli. O complexo ainda é composto do Museu das Missões, que foi projetado no ano de 1940 por Lúcio Costa, e demonstra parte da riqueza cultural da civilização que se desenvolveu na região. Inspirado nas habitações dos missionários, com avarandado coberto com telhas de barro, contém uma rica coleção de cerca de cem imagens de rara beleza, de tamanhos que vão de 15 cm a 2,20 m, recolhidos por João Hugo Machado em 1939 e 1940. Sendo assim, o objetivo do presente projeto é o de pesquisar, documentar e divulgar a experiência histórica missionária, através de um pensamento crítico sobre as relações entre patrimônio cultural, arte, história e memória; bem como, estimular nos alunos a reflexão sobre o legado cultural dos remanescentes históricos da região missioneira do Rio Grande do Sul.

Também constituem parte do patrimônio histórico-arqueológico de São Miguel Arcanjo o sino, que se encontra junto ao Museu, e que na época era instalado no alto da torre do templo de São Miguel. O sino pesa uma tonelada, e foi fundido na Redução de São João Batista, a primeira fundição de ferro do sul do Brasil. Assim como, a Cruz Missioneira, que foi construída em um único bloco de pedra arenito, e possui quatro braços (dois para a esquerda e dois para a direita), símbolo jesuítico de Fé Redobrada. A Cruz é o mais importante símbolo das Missões, pois é por meio dele que a comunidade se identifica, esta foi “plantada” em São Miguel, por ocasião da redução dos guaranis à fé cristã. Dito isso, o projeto supracitado está sendo desenvolvido junto a duas turmas dos segundos anos (turmas 201 e 202) do Ensino Médio na Escola de Ensino Médio



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Protásio Alves, na cidade de Passo Fundo/RS. A disciplina de história no ensino básico muitas vezes tem sido ensinada dissociada do contexto e dos conhecimentos prévios do educando, além disso, a matéria é considerada extremamente teórica por grande parte dos alunos. Sendo assim, no decorrer das aulas de história pensou-se em desenvolver um projeto que relaciona-se o conteúdo a uma pesquisa prática, ou seja, pesquisa bibliográfica, teórica associada a pesquisa prática *in loco*.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A *Companhia de Jesus* foi fundada em 1534 na Europa, com o objetivo de ampliar fiéis para a igreja católica, catequizando os nativos da América portuguesa e outros lugares do império ultramarino ibérico (considerados povos sem religião). Os jesuítas (padres) participavam da vida espiritual, econômica e política da América portuguesa, além disso, criaram colégios em São Vicente (1554), Bahia (1556) e Rio de Janeiro (1568), seguindo como modelo o Real Colégio das Artes de Coimbra. Os colégios existentes no Brasil tinham como função formar sacerdotes para ter uma maior evangelização e se tornar menos dependente da metrópole.

Depois de algum tempo houve a criação de um aldeamento, no qual os jesuítas catequizavam os nativos, esses aldeamentos estenderam-se pelos domínios portugueses e espanhóis na América. Cada aldeamento se determinava como uma constituição, que possuíam regras, habitações, igreja, colégio, oficinas, mercado, cemitério, lavouras, criação de gado, entre outros. A primeira tentativa de criação das missões, a partir de 1550 usou como estratégia obter o respeito dos índios substituindo a cura promovida pelos pajés pela intervenção médica. Como parte dessa primeira política de evangelização, várias atividades foram desenvolvidas para catequizar os índios. Essa primeira fase foi considerada um fracasso e acabou por ser revista à segunda tentativa, baseou-se no medo. O documento que revela essa mudança de rumo era o Plano Civilizador, no qual o jesuíta descrevia com detalhes como essa tarefa se realizaria. A expansão das missões pela América portuguesa atraiu a cobiça de colonos paulistas, os Bandeirantes, que viam as missões como fonte fornecedora de mão de obra escrava para o trabalho nas plantações paulistas. Além de outros, o projeto-trabalho está



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

fundamentado em teóricos como Tau Golin, Mário Maestri e Jacqueline Arleht, visto que os dois primeiros tratam em suas pesquisas da história do Rio Grande do Sul, bem como no caso na última autora, a mesma contribui e muito, ora a pesquisa da mesma trata da arte missioneira.

Devemos deter-nos nas relíquias missioneiras sem supervalorizá-las. Os jesuítas, que vieram para cá, eram homens cultos. Alguns deles formados em excelentes centros europeus. Houve casos em que alguns jesuítas procediam de famílias de elevado nível artístico. A finalidade da arte dentro da mentalidade jesuítica, não era, porém, a dos artistas em geral. Os jesuítas faziam arte para catequizar, ou seja, estavam interessados em arte na medida em que esta servia para propagar o cristianismo. Tratava-se, pois, de uma arte didático-pastoral, condicionada, menos às emoções pessoais e interesses de ordem técnico-estética, do que às preocupações evangelizadoras. Naturalmente, não se pode estabelecer uma linha nítida entre as intenções, quero dizer, os jesuítas não deixavam de ser homens de gosto pelo fato de se interessarem, sobretudo, pela catequese. Trata-se de determinar o ponto de vista privilegiado pelos missionários. Portanto, a título de resumo, digamos: os jesuítas fizeram arte, e fizeram-na fazer pelos índios, movidos por preocupações de ordem religiosa. A arte que fizeram emergiu “indiretamente”.

Apesar desse caráter “secundário”, a arte missioneira atingiu, em alguns momentos, apreciáveis níveis. Não vejo por que se deva minimizar determinadas peças do barroco jesuítico-guarani pelo fato de ser mimético em relação ao da Europa. Só podia ser mimético posto que, segundo a mentalidade da época, comum aos jesuítas e aos seus contemporâneos, a cultura europeia se constituía em padrão de outras culturas.

No século XVIII ninguém punha em dúvida a superioridade dessa cultura. Lógico, portanto, que os jesuítas e os índios por eles catequizados quisessem imitar ou copiar modelos importados. Nesse sentido, houve dependência cultural. Não devemos, porém, transpor categorias hodiernas para o século XVIII; elas se tornam anacrônicas.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

No meu entender, devemos nos perguntar se, dentro dos esquemas vigentes, conseguiram os missionários e indígenas expressões válidas. A meu ver, certas peças do acervo missioneiro não perdem de outras que estão em museus famosos. Certas peças, não muitas. As demais apresentam um interesse estético reativo, têm interesse para nós brasileiros, por aparecerem nelas os primeiros indícios de uma expressão autóctone. Tudo muito ingênuo, muito rudimentar, até. De quando em quando, algo mais sugestivo. Em linha geral a criatividade indígena é uma criatividade subliminar, algo que violou as regras, que sabotou os cânones impostos. No meu entender, essas obras são mais valiosas por esse caráter de rebelião inconsciente, de transgressão cultural. Os índios de nossas Missões, apesar de coagidos culturalmente, souberam marcar algumas peças, o suficiente para que decifremos uma identidade cultural. Por que exigir-lhes mais? Mesmo hoje em dia, quando poucos discutem a identidade cultural latino-americana, surgem, de quando em quando, indivíduos lúcidos que questionam essa identidade, perguntando-se até onde ela vai. Joseph Comblin erradamente qualificou de “mito” a pretensão de uma cultura latino-americana.

Sejamos razoáveis em relação à cultura missioneira: ela foi pobre no que concerne à contribuição específica autóctone; pobre mas não inexistente. Podemos, com um mínimo de boa vontade e abertura, descobrir nela os primeiros indícios de uma afirmação rio-grandense. A produção escultórica dos indígenas ressentiu-se de seu caráter didático. Teve, pois, imposições de temática, estilo e funcionalidade. Os missionários desejavam abastecer suas igrejas e capelas e mesmo oratórios no meio das lavouras. Algumas das estátuas eram levadas em procissão aos campos de trabalho. Demais, os jesuítas cultivavam preferências de sua espiritualidade inaciana. Eram barrocos quase por vocação, uma vez que Santo Inácio surgiu como resposta à Reforma Protestante que baniou o visível, ou melhor, o “visual” dos templos. Como reação, a espiritualidade jesuítica acentuou o caráter visual das representações religiosas, tentando imunizar o fiel contra o “veneno” da excessiva espiritualidade protestante.

Educou os crentes numa espécie de “visualismo pastoral”. É preciso notar, porém, que os jesuítas provinham de diferentes regiões da Europa, de diferentes na



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

cionalidades. Além disso, viviam, cá na América, numa sorte de insulamento ou hermetismo. Por conseqüência, a escultura missioneira é uma escultura que, mesmo dentro do estilo barroco, adquire características próprias, características retardatárias em termos estilísticos. Assim, é possível detectar elementos românicos, góticos e renascentistas dentro do esquema barroco. Portanto, o barroco missioneiro, já pelo fato de suas influências extrínsecas, é um barroco especial. O indígena era o executor da vontade estética do missionário. Resultado: a mentalidade arcaica dele, seus arquétipos primitivos, não se coadunavam com um estilo como o barroco, que está, de certa maneira, nos antípodas do estilo primitivo, caracterizado por uma tendência ao geometrismo, à fixidez, ao estático.

O índio é um indivíduo culturalmente parado, isto é, busca uma representação atemporal, um símbolo esquematizado. Malraux observou a respeito da máscara africana: “não é a fixação de uma expressão humana, é uma aparição”. Portanto, para o primitivo, a imagem não se caracteriza pela semelhança, mas por uma dessemelhança que deve produzir uma espécie de comunhão cósmica. Nosso indígena, mesmo dentro dos trilhos barrocos, logrou descarrilhar, fugindo às imposições, não propriamente de um estilo, mas do estilo, no caso o barroco, que não se adaptava a sua mentalidade, o estilo é a moldura em que qualquer primitivo coloca sua cosmovisão; o estilo, de alguma forma, garante eficácia à imagem. Como diz o citado Malraux, a melhor máscara, isto é, a mais bem feita em termos de estilo, é a mais eficiente. O que importa sublinhar é o caráter “herético” do estilo barroco em termos de sensibilidade indígena. Pois bem, apesar dessa camisa-de-força, o indígena atrasou o barroco, ou seja, reconduziu-o a certa fixidez, a um certo estaticismo. Ele tornou o barroco de alguma forma pré-barroco, deu-lhe uma nota de tristeza, de melancolia. Não podemos deixar de apontar isso, embora saibamos que semelhante aspecto nem sempre foi levado em conta. Podemos, em conclusão, dizer que a arte missioneira, embora seja uma arte em grande parte de “carbono”, de transcrição de protótipos, interessa-nos por aquilo que a não totaliza, isto é, por aqueles aspectos marginais, que revelam, ainda que



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

intermitentemente, a verdadeira “face indígena”, seu temperamento nativo. Foi nas representações da dor que esse temperamento chegou a exprimir-se melhor.

Segundo Roberto Di Stefano (198\_, p.1), “os remanescentes de São Miguel são tão importantes quanto às ruínas da Acrópole e do Coliseu”; visto que a mesma é importante exemplar da arquitetura jesuítica missioneira. Não obstante, as ruínas de São Miguel constituem-se em patrimônio da humanidade, pois, são documentos que testemunham o nascimento de um “novo mundo” e da expansão europeia.

## METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa utilizada no projeto: HISTÓRIA DAS MISSÕES E HISTÓRIA NAS MISSÕES: Conhecendo São Miguel Arcanjo – Patrimônio Cultural da humanidade nas aulas de História consta de pesquisa bibliográfica em livros, revistas acadêmicas e documentos, assim como da pesquisa empírica feita diretamente no sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo/RS. Para isso, as turmas 201 e 202 da Escola Protásio Alves foram divididas em três diferentes grupos de pesquisa, a saber, História da Companhia de Jesus e de São Miguel Arcanjo; História, arqueologia e patrimônio missioneiro e artes nas Missões.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Estando o projeto- pesquisa ainda em desenvolvimento, os resultados ainda são parciais, visto que as turmas encontram-se na primeira fase do projeto, ou seja, divididos em grupos estão pesquisando em fontes secundárias, assim como os supracitados autores. Quanto ao ensino de história contemporâneo, é correto afirmar que este visa formar o educando para que o mesmo perceba-se como agente capaz de construir e modificar os rumos da sociedade por meio do exercício da cidadania. Para isso, faz-se necessário que o mesmo conheça o meio em que vive e que reconheça a herança histórico-cultural deixada pelas sociedades que o antecederam, assim valorizando-a. Nesse contexto, torna-se necessário, ações educativas que abranjam as diversas formas de expressão de um povo, assim, sugere-se para o desenvolvimento da mesma, a inserção da Educação Patrimonial no cotidiano escolar. A educação



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

patrimonial consiste em uma metodologia de ensino, que centro no patrimônio e nos “bens” de uma determinada nação, o mote para a sua aprendizagem. Além disso, diz-se que o ensino de história hoje, deve partir da realidade e dos conhecimentos prévios dos alunos, para então, a partir daí fazer as relações históricas e o consequente ensino-aprendizagem da história enquanto área do conhecimento. Sendo assim, sugere-se além da pesquisa bibliográfica, a viagem prática de estudos ao sítio de São Miguel, pois a disciplina de História também necessita de conhecimento empírico, ou seja, a partir da visita guiada as Missões, os educandos poderão melhor aproveitar o conhecimento teórico aprendido em sala de aula ao relacionarem-no com a prática de campo conhecendo assim, parte relevante da história brasileira e rio-grandense.

## CONCLUSÕES

O trabalho de pesquisa teórica aliada à prática vem a fortalecer o ensino-aprendizagem dos conteúdos escolares, como a importância das Missões e dos jesuítas na história colonial do Estado e do país. Além disso, ao tornar-se agente-pesquisador do seu próprio conhecimento, o aluno tende a perceber seu papel enquanto protagonista da sua própria história e ator-agente capaz de modificar os rumos da história de sua escola, seu bairro, sua cidade e seu país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHLERT, Jacqueline. *ESTÁTUAS ANDARILHAS AS MINIATURAS NA IMAGINÁRIA MISSIONEIRA: SENTIDOS E REMANESCÊNCIAS*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUC/RS, 2002.

GOLIN, Tau. **História Geral do Rio Grande do Sul** – colônia. Passo Fundo, ed. Méritos, 2006.

\_\_\_\_\_, *História Geral do Rio Grande do Sul – Povos Indígenas*. Passo Fundo: Méritos, 2009.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

MAESTRI, Mário. **Breve História do Rio Grande do Sul:** da pré-história aos dias atuais. Passo Fundo: Ed. UPF, 2010.

<http://turismo.saomiguel-rs.com.br/> Acesso em 14 de maio de 2014, às 20 e 30min.

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do> Acesso em 14 de maio de 2014, às 21h.

<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002181/218142POR.pdf> Acesso em 14 de maio de 2014, as 20h e 45 min.

<http://www.saomiguel-rs.com.br/Prefeitura/Secretarias.aspx?ID> Acesso em 13 de maio de 2014, as 15 e 30min.

[http://www.margs.rs.gov.br/ndpa\\_sele\\_artemissioneira.php](http://www.margs.rs.gov.br/ndpa_sele_artemissioneira.php) Acesso em 13 de maio de 2014, às 15 e 50 min.